



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
LETRAS– LINGUA PORTUGUÊS 2014 – NOTURNO  
DISCIPLINA: SEMINÁRIO DE PESQUISA

ROSILENO PANTOJA DA SILVA

**O processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa para alunos surdos na Escola Enedina Sampaio Melo, Igarapé-Miri-PA.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Msc. Rosa Maria Ramos Bentes

Coorientadora: prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rosângela Nogueira

ABAETETUBA/PA

2018

ROSILENO PANTOJA DA SILVA

**O Processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa para alunos surdos da Escola Enedina Sampaio Melo, Igarapé-Miri-PA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a banca do curso Letras da Universidade Federal do Pará- campus de Abaetetuba como exigência para a obtenção do título de Licenciatura plena em Letras-Língua Portuguesa, sob a orientação da professora Mestre Rosa Maria Ramos Bentes.

Abaetetuba-PA

2018

## **Folha de aprovação**

Banca Examinadora:

- Prof.º Dr. Rosa Maria Ramos Bentes /UFPA (Orientador)

---

- Prof.º. Esp. ROSILEIDE DE JESUS DE SOUSA MELO /UFPA (Examinador)

**ABAETETUBA**

**2018**

**Agradecimento**

Primeiramente a Deus por me dar forças para acreditar que em meio a tantas lutas (falta de tempo, excesso de trabalho, ausência na sala de aula) é possível encontrar vencer.

Ao meu pai (in memória) homem íntegro ao qual nunca vi recuar nas adversidades e nuances que a vida lhe colocou, homem que com dureza me ensinou a lutar nesta vida.

A minha mãe, mulher de Fé, batalhadora e sonhadora. Quantas vezes não mediu esforços para me mostrar a importância de acreditar em mim quando nem eu próprio acreditei.

A todos os professores da Universidade Federal do Pará, que acenderam em mim a chama do conhecimento.

A Tatiane Teixeira, minha esposa, por me mostrar que o pontapé inicial para se chegar a algum lugar é acreditar nos nossos sonhos, mesmo quando tudo parece ser tão impossível.

Você me fez ir em frente quando quase desistir.

A vocês meus sinceros agradecimentos.

A educação inclusiva só começa como radical reforma da escola, com a mudança do sistema existente e repensando-se inteiramente o currículo, para se alcançar as necessidades de todas as crianças (Dulce Barros de Almeida)

## **RESUMO**

A presente pesquisa intitulada ***O Processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa para alunos surdos da Escola Enedina Sampaio Melo, Igarapé-Miri-PA***, investiga o processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos incluídos em turmas regulares de ensino na escola Enedina Sampaio Melo município de Igarapé-Miri, em especial no que tange o ensino e aprendizagem da língua Portuguesa. Busca-se entender as interfaces educacionais desses alunos, embora estejam inseridos em turmas regulares de ensino. Portanto, a presente pesquisa constituirá em um momento oportuno de conhecimento e produção de saber acerca da compreensão da língua portuguesa pelos alunos surdos.

**Palavras Chave:** Alunos surdos, processo de aprendizagem, Escola, Libras.

### **Abstract**

The present research entitled The Teaching and learning process of the Portuguese language for deaf students of the Enedina Sampaio Melo School, Igarapé-Miri-PA, investigates the teaching and learning process of deaf students included in regular teaching classes at Enedina Sampaio Melo municipal school of Igarapé-Miri, especially in what concerns the Portuguese language. It seeks to understand the educational interfaces of these students, although they are inserted in regular classes of teaching. Therefore, the present research aims to constitute an opportune moment of knowledge and knowledge production about the understanding of the Portuguese language by the deaf students.

**Keywords:** Deaf students, learning process, School.

<b>Figura I:</b> atividade de língua portuguesa desenvolvido com alunos surdos-----	38
<b>Figura II;</b> Atividade desenvolvida com aluno surdo no Aee-----	38
<b>Figura III:</b> material utilizado como recurso para ensino de língua portuguesa, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos surdos no ensino e aprendizagem-----	39
<b>Figura IV:</b> material utilizado como recurso para ensino de língua portuguesa e trabalho escrito por alunos surdos, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos surdos no ensino e aprendizagem-----	40
<b>Figura V:</b> material trabalhado com alunos surdos no ensino da língua portuguesa na modalidade escrita, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos surdos no ensino e aprendiz-----	41
<b>Figura VI:</b> Aluno surdo Manoel no Atendimento Educacional Especializado-----	43
<b>Figura VII:</b> Aluno surdo Manoel apresentando jogo de matemática-----	43
<b>Figura VIII:</b> Aluno surdo Manoel e o interprete de LIBRAS Orlando na apresentação jogo de matemática-----	44
<b>Figura IX:</b> Aluno surdo Manoel e o interprete de LIBRAS Orlando na apresentação jogo de matemática-----	44
<b>Figura X:</b> Painel de apresentação de trabalho, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos com deficiência na apresentação de seminários-----	45
<b>Figura XI:</b> Painéis de recurso para ensino de biologia, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos com deficiência no ensino e aprendizagem-----	45
<b>Figura XII:</b> Painéis de recurso para ensino de química, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos com deficiência no ensino e aprendizagem-----	46
<b>Figura XIII:</b> Painéis de recurso para ensino de matemática, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos com deficiência no ensino e aprendizagem-----	46
<b>Figura XIV:</b> Painéis de recurso para apresentação de trabalho de sociologia, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos com deficiência no ensino e aprendizagem através da apresentação de seminários-----	47

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 – DEFICIÊNCIA, ESPAÇO ESCOLAR, INCLUSÃO ESCOLAR</b>	
1.1. PESSOA COM DEFICIÊNCIA: CONTEXTOS HISTÓRICOS-----	13
1.2. ESPAÇO ESCOLAR E ACESSIBILIDADE-----	15
1.3. INCLUSÃO ESCOLAR-----	17
<b>CAPÍTULO 2 – DEFICIÊNCIA AUDITIVA E O BILINGÜISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS</b>	
2.1. DEFICIÊNCIA AUDITIVA E A EDUCAÇÃO DE SURDOS-----	19
2.2. MÉTODO ORAL X MÉTODO GESTUAL-----	22
2.2.1. MÉTODO ORAL-----	22
2.2.2-MÉTODO GESTUAL-----	24
2.3.-BILINGÜISMO UMA NOVA PROPOSTA EDUCACIONAL PARA DURDO----	26
2.3.1-COMO LIDAR COM A DEFICIÊNCIA AUDITIVA NA ESCOLA?	
<b>CAPÍTULO 3 – INCLUSÃO ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LINGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS NA ESCOLA ENEDINA SAMPAIO MELO.</b>	
3.1. PROCESSO DE ENSINO E APRENDISAGEM NA ESCOLA ENEDINA SAMPAIO MELO-----	30
3.2. ATENDIMENTO ESPECIALIZADO NA EDUCAÇÃO DO ALUNO SURDO--	32
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	
<b>ANEXO</b>	

O presente trabalho de conclusão de curso tem como base a pesquisa sobre o processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos na escola Enedina Sampaio Melo, localizada no município de Igarapé-Miri-PA. A escola possui um número considerável de alunos com necessidades especiais os quais são submetidos ao processo de ensino e aprendizagem em turmas regulares, passando assim pelo processo de inclusão educacional. Dessa forma, queremos investigar e entender como: acontece esse processo inclusivo dentro da referida escola? Qual a metodologia utilizada pelo educador para atingir seus objetivos? Quais as dificuldades do educador e do educando? E se o objetivo está sendo alcançado? Aspectos estes fundamentais para compreender o processo de ensino e aprendizagem, desses alunos, mas especificamente dos alunos surdos os quais são nossos sujeitos da pesquisa.

Nesse sentido, a Constituição Federal do Brasil, diz que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros, residente no país, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.” (Brasil, 1989). Porém, para que haja igualdade, é preciso dar tratamentos diferentes às pessoas, pois cada um de nós temos necessidades diferentes, o que não quer dizer dar privilégios, e sim, à disponibilização das condições de cada um. Ou seja: Equidade (*Equidade: 1. sentimento de justiça; imparcialidade. 2. igualdade; identidade.*). (Aranha, 2000) “A diversidade requer a peculiaridade de tratamentos, para que não se transforme em desigualdade social” (MANZINI, E.J. 2000, p. 2).

Nos dias de hoje, a educação especial encontra-se em estado de crise de identidade, pois ela não é vista com olhar cauteloso. Sabemos, também, que estamos diante da história da educação do aluno surdo, a qual está com dificuldade no ensino-aprendizagem, pois eles precisam de mais atenção e ser visto com outro olhar. De forma que seja levado em consideração, a capacidade do aluno e não sua limitação, uma vez que o aluno surdo tem condições de ter uma vida normal, assim como os demais seres humanos que por sua vez possuem vida sociocultural, vida estudantil e religiosa, as diferenças são meras barreiras pragmáticas que foram criadas e precisam ser quebradas, através de discussões e ações que levem a comunidade ouvinte a terem conhecimento da linguagem e da comunicação dos surdos e vice versa e não ter que adequar somente o aluno surdo a viver em uma sociedade somente de ouvintes, pois o conhecimento vem através de trocas de

experiências e isso só pode acontecer através da comunicação e da interação entre as pessoas envolvidas.

Faz-se menção de inclusão nos mais diversos locais ou logradouros sociais tais como: bancos, empresas, repartições públicas, dentre outros. Porém a escola é o lugar onde há mais dificuldade de proporcionar a inclusão, porém era pra ser o primeiro passo para criarmos um mundo universalizado, pois é na escola que vamos em busca de conhecimentos, é o meio pelo qual trocamos informações, logo precisaríamos que tanto o espaço físico, quanto os colaboradores estivessem preparados para a inclusão, uma vez que, não pode se limitar somente nos espaços físicos, mas tudo deve ser adaptáveis para atender esse público diferenciado. Segundo (MANZINI, E.J. 2000, p. 6) “A área onde se tem encontrado maior dificuldade para a implementação do processo de construção da inclusão tem sido a área da Educação.” Podemos então considerar a escola como o berço da inclusão e não mais uma extensão para inclusão, como até hoje tem acontecido.

Dessa forma, a construção de uma escola inclusiva deverá ter como pressuposto básico um novo paradigma educacional que preconiza uma escola para todos (OLIVEIRA E LEITE, 2000). Assim, a garantia de direito é para todos independente de qualquer característica individual.

A pesquisa em estudo se justifica pela possibilidade de permitir a inclusão de alunos surdos nos mais diversos lugares da sociedade, principalmente no âmbito escolar que é onde mais precisamos enxergar a diversidade do ser humano não com um olhar de coitadinho, mas sim com um olhar de capaz, independentemente de possuir uma deficiência, ele pode ser independente e ter uma vida normal tanto quanto as pessoas sem deficiência, dependendo somente de uma nova visão social, a qual possa ver a necessidade de adequação de seus espaços de forma em geral, para que todos possam transitar e se localizar dentro dessa sociedade, normalmente como qualquer outra pessoa sem discriminação.

Sendo assim, a escola precisa se preparar para o desafio de oferecer uma educação inclusiva de qualidade para todos os seus alunos independentemente de suas limitações, fazendo com que os mesmos se sintam acolhidos na escola e na sociedade de forma em geral.

Percebemos que muitos alunos surdos são discriminados em sala de aula pelos próprios colegas, pois eles têm dificuldades de interagir socialmente por possuírem uma língua desconhecida para se comunicarem. Por isso, a presente

pesquisa permite conhecer esses alunos surdos em sala de aula e possibilitar uma melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Dessa forma, a pesquisa será uma contribuição para a comunidade acadêmica, no sentido de possibilitar um olhar diferenciado para a educação inclusiva desses alunos e que apesar dos avanços que já tivemos, ainda estamos longe de abarcar a realidade a qual estão inseridos.

Portanto, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é compreender como ocorre o processo de inclusão e o ensino e aprendizagem de alunos surdos, dentro das salas de ensino regular, especificamente na disciplina de língua portuguesa na escola Enedina Sampaio Melo visando compreender os desafios enfrentados diante da apreensão da língua portuguesa pelos alunos.

Nesse primeiro capítulo faremos um breve apanhado a respeito da deficiência no âmbito sociocultural e suas limitações e adaptações que tende amenizar suas dificuldades de sobrevivência. Baseado no que diz (BUENO, 1993), faremos também uma abordagem que nos leve a entender como as pessoas com deficiência viviam antes da inserção no meio social e como e quando aconteceram as mais diversas discussões a respeito dos seus direitos, e se sua classe econômica e tipo de deficiência influenciavam em sua aceitação no meio da social em que vivia, de forma que pudesse ter uma vida “normal”, mesmo possuindo algumas limitações, uma vez que, essas pessoas eram vistas como “anomalias” e com isso sofriam o que conhecemos como exclusão; de forma a não terem direito até mesmo a vida em alguns casos. Falaremos também do espaço escolar e suas adaptações, como deveriam ser os espaços escolares e suas edificações de forma que, os alunos incluídos possam ter independência e acessibilidade, mesmo possuindo limitações físicas, permitam que tenham uma melhor inserção no meio sócio-educacional.

## 1.1 PESSOA COM DEFICIÊNCIA: CONTEXTOS HISTÓRICOS

As pessoas portadoras de deficiência física sempre foram alvo de um grande abandono no decorrer da história da civilização, abandono esse, que na maioria das vezes custava a vida dessas pessoas, elas sofriam rejeição até mesmo por parte de sua própria família, seguida de uma seqüência trágica de exclusão das demais pessoas, ditas como “normais” pertencente a mesma comunidade a qual elas viviam.

Segundo Carmo (1991) e Lancilotti (2003), na chamada era primitiva, em virtude do nomadismo, todos aqueles incapazes de acompanhar o percurso de sua comunidade (idoso, pessoas que possuíam doenças graves ou uma deficiência), durante as migrações, eram abandonados em prol da sobrevivência do grupo a que pertenciam.

Pessoas deficientes estão presentes nos mais diversos âmbitos de vivência humana das comunidades, de forma que também ocupam seus espaços sejam eles: social, cultural, escolar ou profissional; as pessoas que nascem com qualquer tipo de deficiência sofrem por portar limitações precisando dessas de algum tipo de adaptação que venham auxiliá-las na execução de suas tarefas diárias, porém isso

não as deixam impossibilitadas de exercer uma padrão de vida. Com base no que se tem como “normal” segue-se então essa base para identificar o que é ou quem é a pessoa deficiente “anormal” e não deficiente “normal,” essas diferenças nos levam a discussão central sobre o que é a deficiência e qual a realidade das pessoas deficientes? A imposição de valores que servem para descrever e normatizar o corpo através da beleza estética acaba levando ao desenvolvimento de um modelo erótico com medidas tanto para homens como para mulheres estabelecidos dentro do que se possa considerar uma pessoa “normal”. Dentro dessa contextualização podemos perceber que a deficiência é a nomenclatura utilizada para excluir pessoas que não estão dentro de um padrão descrito do ponto de vista capitalista, segregador de forma que independe da hostilização que se cria sobre essas pessoas por terem limitações a própria sociedade finge não enxergar.

Para (MOITA-LOPEZ,2006 p.86) isso tudo segue um ponto de vista econômico, isto acontece, em parte, devido a ocorrência da “hegemonia do mercado da globalização do pensamento único – o grande poder hegemônico do capitalismo neoliberal avassalador, que é o grande deus contemporâneo e juiz de todas as verdades – liderado pelos países centrais e suas agencia”

Durante muito tempo as pessoas com deficiência foram vistas com incapazes devido o modelo que se tinha para ser seguido, dessa forma precisava criar uma forma de combater essa ideologia criada acerca das pessoas com deficiência. Segundo Bentes,(2012) O modelo a ser seguido contraposto foi intitulado de modelo médico, e o de resistência passou a se chamar no reino unido de modelo social.

No modelo médico, as deficiências nas pessoas são vistas como um problema individualizado de forma que as pessoas com deficiência são o problema para sociedade a qual precisam ser tratadas e corrigidas para que possam ser integradas na sociedade; enquanto que no modelo social, a qual se contrapõe ao modelo médico, defende o ponto deque a problemática não é de cunho individual e sim social, cultural e político, uma vez que a incapacitação das pessoas com deficiência são frutos de uma sociedade que não consegue conviver com as diferenças físicas motoras de outras pessoas é preciso retiras os apetrechos que criam barreiras e tornam as pessoas deficientes diante da sociedade, através de leis que possam garantir os direitos sociais e culturais, das pessoas deficientes de forma que elas possam ter uma vida independente.

Podemos frisar que obras de urbanizações são feitas fora dos padrões de acessibilidade desrespeitando os direitos de ir e vir de todos; podemos citar entre vários as calçadas que impossibilitam a circulação de cadeirantes e cegos em espaços públicos e privados que também não possuem sinalizações visuais e nem suas entradas preparadas para receber todo tipo de ser humano dessa forma podemos ver que a sociedade e os órgãos públicos e também privados são o problema e não a pessoa deficiente.

De acordo com Bentes (2012) o campo de estudos a respeito da deficiência no Brasil caminha por três possibilidades; a possibilidade de estudo centrada na patologia, suas etiologias e possibilidades de tratamento; a possibilidade de estudos socioculturais, que em linhas gerais, pretende uma revisão da dicotomia entre corpo normal versus anormal; a possibilidade de estudos psicossociais, implementando estudos sobre reações e estereótipos criados em relação a pessoa com deficiência.

## **1.2 ESPAÇO ESCOLAR E ACESSIBILIDADE**

É muito pouco o número de escolas que possuem suas edificações dentro das possibilidades de acessibilidade para todos os alunos dentro dos espaços escolares, apesar de existir normas tanto para adequação de escolas já construídas, como para construções de novas escolas.

No que condiz a reestruturação de um espaço escolar já existente podemos citar a normatização que esta em: (EDIFICAÇÕES, 1997, p. 8), portanto, há que investir em obras para as adaptações físicas necessárias ao acesso dos alunos, dos mestres e da comunidade, incluindo instalações complementares, tais como sinais sonoros e de trânsito, rampas, elevadores, móveis ou salas de recursos. Sobretudo, no caso das grandes redes físicas escolares, para que estes novos investimentos sejam economicamente viáveis, em prazos aceitáveis, a diretriz mais sensata, certamente, será o aproveitamento sistemático e gradual das oportunidades que vão surgindo para as intervenções de manutenção corretiva, ou seja, para as obras de recuperação e reforma.

Podemos citar também a base para construção de novas escolas dentro do padrão de acessibilidade, voltado para um espaço escolar que possua uma estrutura física capaz de receber alunos com qualquer tipo de limitação.

De acordo com as normas de (EDIFICAÇÕES, 1997, p. 9). Nos casos de projetos e de construção de novas edificações escolares, os problemas de acessibilidade, atuais ou futuros, podem ser mais facilmente planejados e resolvidos se algumas precauções forem desde logo adotadas, considerando que as recomendações próprias da ergonomia devem ser atendidas tanto nos planos horizontais, como nos verticais.

Definição de acessibilidade segundo a ABNT (NBR9050:2004), acessibilidade é a “possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos”.

Para (MANZINI, 2008, p. 286). “É necessário ofertar às escolas as condições de acessibilidade em: edificações, meios de comunicação e informação e recursos didáticos”.

É com base nessas definições que podemos buscar possibilidades de um espaço escolar adequado e acessível para todos; à acessibilidade trás consigo a autonomia e segurança de forma que não seja necessário ter que contar com a boa vontade de outra pessoa para se ter locomoção ou acesso a locais ou logradouros dentro da escola. Pensar em um espaço escolar de forma universal e não particularizado, um espaço universalizado possui medidas capazes de receber qualquer tipo de pessoas independentemente da limitação que ela possua, de forma que essa possa se locomover sem nem um tipo de barreira que a impossibilite de ter um acesso seguro a qualquer ambiente dentro do espaço físico da escolar, dessa forma criar-se um lugar acessível a todos de forma que desde a entrada do portão de acesso da escola até os espaços de lazer que seja respeitado as limitações dos cadeirantes que precisa de rampas de acesso, dos cegos que precisam de marcações em calçadas e escritas em braile que o leve a identificar os logradouros dentro da escola, as sinalizações em libras para que os surdos possam identificar-se com o ambiente escolar, corrimões e elevadores para deficiente locomotor; precisa-se pensar em um espaço heterogêneo, pois a homogeneidade de pessoas não existe. Logo tem que haver a possibilidade de mobilidade para atender a todos, porém falar de espaço escolar não é definir somente o espaço físico de uma escola, temos que falar em adequação ou qualificação dos e nos atendimentos oferecido pela escola de forma que todos possam se comunicar e sentir-se bem no ambiente escolar desde a recepção desse aluno ate no corpo docente..

Manzini trás o questionamento a respeito das questões da acessibilidade, apontando a falta de conhecimento a respeito do que é a acessibilidade e a falta de conhecimento sobre o assunto. Manzini (2008), é que existe uma grande falta de conhecimentos sobre acessibilidade. Não que a questão de acessibilidade esteja sendo feita por preconceito (barreira atitudinal). Mas como é possível construir algo de forma acessível, se muitos sequer sabem o que é isso?

### **1.3 INCLUSÃO ESCOLAR**

Podemos definir inclusão escolar como a quebra de barreiras paradigmáticas que impossibilitavam pessoas de terem acesso a escola e ao conhecimento, por possuírem limitações físicas e psicológicas. À educação carrega sobre si um histórico de exclusão desde seu surgimento, ate nos dias atuais, pois no princípio somente filhos dos nobres (os ricos) tinham o direito a freqüentar locais que eram voltados para o ensinamento educacional, só posteriormente a educação chegou aos pobres. Com a educação especial não foi diferente, o acesso de crianças e jovens a um ensino inclusivo foi um longo processo.

A educação pública voltada ao atendimento das pessoas com deficiência inicia-se na Europa durante o séc. XVIII, com a criação do Instituto Nacional de Surdos Mudos, em 1760 e do instituto dos Jovens Cegos em 1784, ambos na cidade de Paris (MORAES, 2008).

Um olhar na história da educação formal da pessoa com deficiência nos mostra períodos distintos, que oscilam desde as primeiras e acanhadas iniciativas de atendimento educacional até as ultimas propostas de sua inserção definitiva no sistema regular de ensino. Talvez podemos demarcar os momentos históricos em quatro: exclusão do sistema escolar; atendimento especial no sistema escolar; integração no sistema escolar regular; inclusão no sistema escolar regular. (BEYER, 2010)

Assim, é necessário compreender o conceito de necessidades educacionais especiais, esta deve ser a referencia no interior das escolas, uma necessidade educacional em relação ao currículo escolar, entendendo que as dificuldades para

aprender se originam na interação do aluno com o contexto de ensino e aprendizagem (OLIVEIRA E LEITE).

Entretanto, sem a mobilização dos grupos envolvidos, isto é, família, professores, especialista, enfim, todos os sujeitos que se vinculam no cotidiano escolar, pouco se poderia esperar de práticas efetivas de inclusão escolar. (BEYER, 2010)

Por isso, a presente pesquisa visa caminhar pelos meandros da escola Enedina Sampaio Melo, no intuito de conhecer não apenas os alunos com necessidades especiais, mas toda a comunidade escolar, pois dela depende o processo de aprendizagem dos alunos surdos.

Entender a aprendizagem especialmente no que se refere à língua portuguesa, pois esta é uma das disciplinas mais complexas a serem ensinadas pelos professores e compreendidas pelos alunos surdos, pois estes compreendem a língua portuguesa diferentemente do que habitualmente se ensina na sala de aula, principalmente por utilizarem a língua de sinais.

De acordo com Gesser (2009) a língua de sinais tem uma gramática própria e se apresenta estruturada em todos os níveis como as línguas orais; fonológico, morfológico, sintático e semântico. Entretanto, essas características são desconhecidas dos professores da rede regular de ensino, pois boa parte destes desconhece a língua brasileira de sinais-LIBRAS.

## **CAPÍTULO 2 – DEFICIÊNCIA AUDITIVA E O BILINGÜISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS**

Nesse segundo capítulo abordaremos temáticas mais voltadas para a deficiência auditiva e o aluno surdo; traremos definições sobre deficiência auditiva e seus variados tipos de perdas auditivas; traremos as discussões históricas a respeito dos métodos utilizados na busca pela primeira língua do surdo. A inclusão escolar do aluno surdo no que tange as metodologias aplicadas na vida escolar desse aluno para a aquisição da fala e suas falhas, falaremos da evolução das políticas pedagógicas que levaram ao bilingüismo e o uso da língua de sinais como a principal língua de comunicação dos surdos, ficando a língua portuguesa como sua segunda língua.

## **2.1. DEFICIÊNCIA AUDITIVA E A EDUCAÇÃO DE SURDOS.**

De acordo com Ricardo Ampudia (2011) a deficiência auditiva é a perda parcial ou total da audição, causada por má-formação (causa genética), lesão na orelha ou nas estruturas que compõem o aparelho auditivo.

A deficiência auditiva moderada é a incapacidade de ouvir sons com intensidade menor que 50 decibéis e costuma ser compensada com a ajuda de aparelhos e acompanhamento terapêutico. Em graus mais avançados, como na perda auditiva severa (quando a pessoa não consegue ouvir sons abaixo dos 80 decibéis, em média) e profunda (quando não escuta sons emitidos com intensidade menor que 91 decibéis), aparelhos e próteses ajudam parcialmente, mas o aprendizado de Libras e da leitura orofacial, sempre que possível, é recomendado.

Perdas auditivas acima desses níveis são consideradas casos de surdez total. Quanto mais agudo o grau de deficiência auditiva, maior a dificuldade de aquisição da língua oral. É importante lembrar que a perda da audição deve ser diagnosticada por um médico especialista ou por um fonoaudiólogo( AMPUDIA, 2011)

Ao longo do tempo a sociedade vem tratando o aluno surdo, como um indivíduo que precisa adquirir a fala para poder ser integrado na sociedade, podendo assim comunicar-se, pois acreditava-se que a comunicação com os demais indivíduos falante só poderia acontecer através da linguagem oral dos falantes, pois para sociedade majoritária, ter o domínio sobre o ouvir e o falar era imprescindível para viver bem dentro da comunidade escolar, uma vez que sem a comunicação e a trocas de experiências não haveria aquisição do conhecimentos e a troca de experiência só poderia acontecer se houvesse comunicação e por esse motivo

aluno foi colocado em experiência em diversos tipos de metodologias pedagógicas para encontrar a melhor forma possível para que ele pudesse se comunicar através da linguagem oral utilizadas pelos ouvintes .

Para Ghisi (1993,p.95), a surdez “priva uma criança de fazer uso de forma natural e espontânea do instrumento de comunicação mais importante do ser humano: a língua falada”. A fala é a forma de comunicação mais freqüentes nas comunidades sociais majoritárias.

Podemos observar que ao longo do tempo os alunos surdos sempre foram colocados a condições sociais dos ouvintes, dentre estes podemos colocar as condições educacionais que sempre foram pensadas para pessoas ouvintes, desde o espaço físico até suas estruturas pedagógicas, a educação para surdos passou por diversas formas históricas educacionais que buscavam ensinar o aluno surdo a se comunicar com os demais alunos ouvintes através da fala, no decorrer do tempo foram utilizados vários métodos em busca da eficácia na comunicação dos surdos com a sociedade majoritária (ouvinte). E com isso surgiu duas correntes de pensamento voltadas para a discussão sobre qual seria o melhor método a ser aplicada para esse publico se comunicar: o oral ou o gestual? Apesar das discussões e debates a respeito da melhor metodologia a ser aplicada, pouco se levou em consideração o desenvolvimento cognitivo do aluno surdo, essas discussões e debates ficaram mais no campo do pragmatismo.

Segundo os registros encontrados os primeiros prováveis idealizadores de métodos educacionais que tinham como objetivo, o ensino e aprendizagem dos deficientes auditivos, estes por sua vez tinham por objetivo integrar essas pessoas surdas na sociedade de ouvintes, podemos aqui citar três dessas diferentes correntes metodológicas, voltada para educação de alunos surdos.

Tendo como base Goldfield (1997), onde ele afirma que no século dezesseis, na Espanha, o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520 - 1584) desenvolveu uma metodologia de educação para crianças com surdez que incluía datilologia (representação manual das letras do alfabeto), escrita e oralização, e criou uma escola de professores de surdos.

Em 1620, Juan Martin Pablo Bonet publicou, também na Espanha, um livro que tratava do alfabeto manual de Ponce de Leon. Em 1750, na França, surge Abade Charles Michel de L'Epée que aprende com as pessoas surdas a língua de

sinais criando os "Sinais Metódicos". Teve grande sucesso na educação das pessoas com surdez transformando sua casa em uma escola pública. L'Epée e seu seguidor Sicard defendiam que todos as pessoas com surdez, independentemente de seu nível social, deveriam ter direito a educação. (GOLDFIELD, 1997)

Em 1817 Thomas Hopkins Gallaudet, junto com Laurent Clerc, fundou a primeira escola permanente para alunos com surdez nos EUA, que utilizava como forma de comunicação o francês sinalizado, adaptado para o inglês. A partir de 1821, todas as escolas públicas americanas passaram a caminhar na direção da ASL (Língua de Sinais Americana). Em 1864 foi fundada a primeira universidade nacional para surdos, a Universidade Gallaudet. (GOLDFIELD, 1997)

Segundo Mazinni (2000) em sua publicação onde nos traz (Bergman, 1977; Alhgren, 1976), sendo os primeiros a pensar em uma forma de unificar os diferentes métodos de ensino para surdos na Suécia através do projeto de pesquisa onde analisava o uso de dois métodos o oral e o gestual, que buscava melhorar a comunicação, tendo início da década de 70, esse método utilizava as palavras e os sinais de forma simultânea. Tendo todos fracassados no que tende a ser considerado como método eficaz, para aquisição de comunicação entre surdos e ouvintes, como forma de aquisição da comunicação e do conhecimento no processo de ensino e aprendizagem, desses alunos os quais foram submetidos a esses variados tipos de metodologias; esses métodos falharam, por terem sido pensados em fazer com que o aluno surdo pudesse adquirir a comunicação dos ouvintes que é a fala e por mais que fossem voltados para a integração de alunos surdos a uma sociedade, desrespeitava suas particularidades não estimulando o potencial cognitivo desses alunos e também por desconhecer a cultura lingüística própria deles, dessa forma acabaram sendo falhos em seus objetivos finais; com tudo esses métodos não funcionaram ou não obtiveram êxito por serem pensados sempre em ensinar os alunos surdos a falar e serem parte da sociedade de ouvintes e não de uma sociedade universalizada, mesmo sendo colocado-os na condição de ouvintes, eles tinham suas limitações desrespeitadas ou desconhecidas, limitações essas que na maioria dos casos eram de surdez total ou perda de audição profunda a qual davam chances remotas de aquisição da fala, por possuírem mal formação congênita em seus aparelhos auditivos e com isso não terem uma condições mínima de aprenderem falar, porém eles sempre foram capazes de se comunicar usando sua comunicação própria a qual não eram respeitada pelos idealizadores dos

métodos aplicados, métodos esses que eram aplicados de forma separada no que conhecemos como educação especial, modelo este que buscava educar através da separação de ensino para alunos portadores de deficiência.

## **2.2 MÉTODO ORAL X MÉTODO GESTUAL**

### **2.2.1-MÉTODO ORAL**

Durante décadas houveram várias conferências, congressos, encontros, que buscavam sempre sanar essa incógnita que era encontrar um método educacional para que alunos surdos pudessem ser ensinados e que se comunicasse com os ouvintes. Segundo Goldfield (1997), em 1880 aconteceu em Milão, na Itália o primeiro congresso mundial de educadores de alunos surdos, onde ficou decidido o uso do método oral para a educação de surdos, de forma que o método gestual deixou de ser usado pelos profissionais da educação; o método oralista foi escolhido com a justificativa de que fosse ele, o mais adequado para que o surdo pudesse se comunicar e ser integrado na sociedade onde a língua majoritária era a oral, vale apenas ressaltar que a prioridade nas escolas era o ensino da fala deixando o ensino e aprendizagem desses alunos para segundo plano, pois o foco era preparar eles para viver em meio ao demais indivíduos da sociedade.

Para Goldfield (1997), o INES em 1911, seguindo a tendência mundial, passou a assumir a abordagem oralista, apesar da forte resistência dos alunos que continuavam a utilizar de forma proibida a língua de sinais nos corredores e pátios da escola.

Segundo Mazini (2000) a metodologia oral começou a ser utilizada no Brasil em 1857, para a educação de surdos, sob a influência educacional norte americana, a qual justificava o uso dessa metodologia por acreditar que se a criança utilizasse sinais gestuais para se comunicar elas não teriam incentivo para a adquirirem da fala ou da leitura labial por não terem necessidade de falar, deixando de lado seu resíduo auditivo.

Para os pioneiros e defensores da metodologia oralista, esse método era o melhor a ser aplicado por ser este capaz de fazer com que as crianças surdas pudessem ser inseridas na sociedade e por apresentar resultados com maior eficácia, além de ser o método mais usado pela maioria dos países, principalmente

com a chegada da tecnologia e a aparição e o avanço dos aparelhos de amplificação sonora, os quais aproveitavam os resíduos auditivos; por muitos anos a metodologia oralista foi a mais usada pela sociedade educadora na maioria dos países, devido o crescimento da medicina a qual influenciou a educação dos surdos devido o ponto de vista clínico: o qual tratava a surdez como doença, dessa forma a educação deveria buscar a metodologia mais próxima dos cuidados clínicos os quais eram vistos pela capacidade de conseguir reduzir o problema da surdez e quando o surdo não pudesse desenvolver a fala, ele pudesse pelo menos comporta-se como ouvinte. Com a justificativa de que o aluno surdo precisava aprender a língua da maioria na sociedade a dos ouvintes, o oralismo defendia o uso de todos os tipos de recursos para fazer com que o aluno surdo pudesse superasse suas limitações e ser integrado na sociedade de ouvintes de forma que se adequasse aos padrões dessa sociedade que por serem a maioria todas as informações eram repassadas na sua linguagem oral, para que esse aluno pudesse ser inserido em meio a comunidade dos ouvintes, ele teria que se comunicar, se expressar, compreender e ser compreendido (MANZINI,2000).

Os defensores do método oralista apontavam para um norte onde o surdo vive no mundo dos ouvintes, logo eles tem que aprender ouvir e falar para poder se comunicar e poder viver junto aos demais, uma vez que para eles, não existiria outra opção.

O ensino dentro dos muros da linguagem oral e da leitura labial colocara o surdo em uma melhor condição de comunicar-se dentro da sociedade, a qual usa como principal meio de comunicação a oralidade. E manter o aluno surdo no mesmo ambiente onde só se comunica usando o alfabeto manual e a escrita é alienar o indivíduo e manter ele fora de um convívio normal da sociedade, já que para ele poder desenvolver uma vida normal na sociedade ele precisara se comunicar usando a mesma comunicação usada pela maioria da sociedade, pois nem sempre ele terá alguém que tenha habilidades com a comunicação gestual, ate mesmo porque, as maiorias dos professores estão qualificados para usar o método oral. (Silverman et al., 1971, p. 394).

## 2.2.2- MÉTODO GESTUAL

O método gestual vem na contramão do método oral, pois agora pensasse na possível linguagem própria e natural de comunicação do surdo que durante décadas sofreu consideravelmente tendo que aprender o principal meio de comunicação da sociedade dos ouvintes.

Para Massone (1993, p. 76) quando o surdo é colocado para aprender usando o método oral, ele sofre constantemente pelo fato de saber de suas limitações e que dificilmente poderá se comunicar usando a oralidade e com isso, paira sobre ele a incerteza de seu futuro. O oralismo criou uma barreira onde é clara e explícito que não aceita as diferenças lingüísticas sendo estas léxicais e gramaticais, o oralismo tende a alienar o surdo, de forma a ter que usar somente a fala para se comunicar, não aceitando formas distintas de comunicação fazendo assim prevalecer a imposição da sociedade ouvinte, fazendo uso da fala como uma ferramenta para estabelecer um certo domínio sobre a comunicação; tendo os surdos que viver em constante resistências por estar e terem que viver em um mundo onde se pensa em pessoas ouvintes.

O método gestual ou da língua de sinais defende que os surdos não sejam meros peças de reprodução ou de imitação da linguagem dos ouvintes, que se respeitem as limitações sensoriais a qual não permite que eles possam desenvolver a fala da mesma forma que os ouvintes, tendo assim, a necessidade de se fazer pesquisas que pudesse encontrar outras formas de linguagem para que o surdo pudesse se comunicar e se expressar de forma menos agressiva para ele. Foi então que na década de 60 realizou-se uma pesquisa dentro do campo da lingüística onde teve como objetivo examinar a língua de sinais para descobrir se era a verdadeira língua natural dos surdos e com isso constatou-se que o surdo possui sua própria língua e que ela não é apenas a representação gestual da língua falada, provando assim que o tipo lingüístico não faz do surdo um ser deficiente e sim diferente com isso, elevou-se a auto-estima deles, diminuindo o desrespeito pelo sujeito surdo, através da valorização de sua cultura lingüística própria, tendo assim sua linguagem equiparada a dos ouvintes no mesmo grupo social.

Para Ghisi (1993) a língua de sinais é a língua natural dos surdos, por esse motivo sua aquisição torna-se mais fácil, defendendo a teoria da precocidade: quanto mais cedo for o contato do surdo com a língua de sinais, maior serão as chances de ele

desenvolver a capacidade de domínio lingüístico da língua. Através de pesquisas que apontaram que biologicamente a linguagem gestual se organiza da mesma forma que a linguagem oral, essa por sua vez, também apresenta período crítico em sua aprendizagem.

Para os gestualistas ou defensores do método gestual: é de suma importância na educação dos surdos que o processo de ensino e aprendizagem, possa acontecer com facilidade de forma que haja apropriação das informações através de meios que possam facilitar o entendimento dessas informações e não o contrário que venha dificultar esse processo. Ressalta-se também a autonomia que a língua de sinais dá ao aluno surdo, além da sensação de pertinência, a qual outrora não possuía, pois encontrava-se perdido na sociedade, uma vez que o mesmo era forçado a viver dentro de uma comunidade de ouvintes onde não se sentia parte dela por não ter e não poder entender e se comunicar de forma aplausível e com o acesso aos elementos que simbolizam e conceituam os significantes ele pode elaborar os significados e criar significados, podendo assim adquirir e transmitir conhecimentos a partir do entendimento que possui do mundo, de forma que todas as pessoas que a cercam possam compreendê-la, e com isso ela possa se encontrar dentro de uma comunidade tendo assim a sensação de pertinência.

Do ponto de vista dos oralistas os quais criticaram o uso do método gestual para educar o aluno surdo, destacam-se as falas de defensores do método oral onde asseguram que o aluno surdo colocado em contato somente dos gestos iria torná-lo um ser alienado ou limitado em sua comunicação por possuir uma única forma de comunicação e essa por sua vez é usada e conhecida pela minoria, deixando de lado o uso da fala que é considerada a forma universal de comunicação, destacando a limitação da língua de sinais uma vez que essa não consegue substituir totalmente a língua oral, tendo outros pontos de fraqueza da língua de sinais tais como: a quantidade pequena de profissionais que possuem domínio dessa modalidade lingüística, a despadronização dos gestos limitando assim os usuários dessa língua a se comunicar de forma compreensiva com toda uma sociedade, acontecendo somente com as comunidades mais próximas, uma vez que é necessário ter um conhecimento prévio do significado de cada gesto ou sinais, para poder haver entendimento na comunicação. Os oralistas apontam também para a opção que deve ser dada para o aluno poder optar por aprender a falar, pois a linguagem é uma ferramenta essencial para a vivência do homem na sociedade e (Silverman ET

AL., 1971, p.102)”a linguagem é um meio básico de comunicação e portanto, um mecanismo vital de adaptação no ambiente” reforça mostrando a necessidade de oportunizar o aluno por escolher qual a forma de comunicação ele quer para se comunicar, olhando do ponto de vista de “Silverman” onde ele afirma a capacidade de adaptação da da linguagem a qualquer meio; por tanto os defensores do método oral criticam de forma ferrenha a imposição dos gestualistas em afirmar que a língua natural dos surdos é a linguagem de sinais, impossibilitando os surdos de optarem pela linguagem oral a qual é considerada a língua universal de comunicação social.

### **2.3 BILINGÜISMO UMA NOVA PROPOSTA EDUCACIONAL PARA DURDOS**

Segundo Manzini (2000) O bilingüismo teve o inicio a partir do nítido fracasso do método oral, que tinha como objetivo educar o aluno surdo usando a leitura labial e o resquício da audição que lhe restava com o uso de aparelhos amplificadores de ondas sonoras, com o intuito de induzir o aluno surdo a se apropriar da oralidade como sua linguagem principal.

Baseado no que foi dito por Mazini, (2000) o bilingüismo foi à necessidade de recorrer a novos recursos capazes de atender esse publico diferenciado, onde precisava-se não mais de um modelo metodológico e sim de propostas educacionais inovadoras que pudessem oferecer ferramentas capazes de levar o surdo a uma comunicação total, que eles pudessem ter a opção de encontrar novos horizontes na em sua forma de comunicação, ao invés de limitá-los somente a um modelo de comunicação que na maioria das vezes acabava deixando eles totalmente desorientado.

O bilingüismo é o aprimoramento, ou melhor, a fusão das metodologias que o - antecederam, porém o bilingüismo não surge como mais um método educacional para o aluno surdo, por mais que seja fruto das divergências e correções dos métodos que antes foram usados, perpassando pelas praticas e filosofias de implementação dessa nova forma de educação de surdos. O bilingüismo é visto como uma tendência educacional que tem como objetivo aumentar os recursos de comunicação de forma a melhorar a interação do surdo com a comunidade surda e a de ouvintes, dando a eles uma vivencia menos hostil dentro da sociedade, trazendo assim, a valorização e o bem-estar dessas pessoas, além de dar a eles a sensação de pertinência e independência que outrora não possuíam por terem que aceitar

métodos que eram implantados sem nem um respeito à suas limitações pessoais de surdez, desrespeitando suas vontades, colocando-os em experiências desagradáveis de comunicação, das quais na maioria das vezes não possuíam domínio algum.

A modalidade de comunicação total surgiu para melhorar a comunicação dos surdos, através de um diversificado tipo de recursos comunicativos que oferecendo a eles possibilidades de se encontrar enquanto cidadão de uma sociedade, onde tem seus direitos e vontades respeitados podendo escolher por sua comunicação, que anteriormente lhe eram cessados, tendo que aceitar uma única forma de linguagem.

Para Poker (2011), a Comunicação Total valoriza a comunicação e a interação e não apenas a língua. Seu objetivo maior não se restringe ao aprendizado de uma língua.

Para Ciccone (1990), os profissionais que defendem a Comunicação Total concebem o surdo forma diferente dos oralistas: ele não é visto só como alguém que tem uma patologia que precisa ser eliminada, mas sim como uma pessoa, e a surdez como uma marca que repercute nas relações sociais e no desenvolvimento afetivo e cognitivo dessa pessoa.

Os variados tipos de comunicação oferecido no bilingüismo tendem a facilitar o surdo não só no processo de aquisição da linguagem, mas também no ensino e aprendizagem dele, tendo em vista que a tendência educacional é pensada e elaborada a partir da necessidade individual do aluno.

Para Poker (2011) a diferença marcante entre a Comunicação Total e as outras abordagens educacionais constitui-se no fato de que a Comunicação Total defende a utilização de qualquer recurso lingüístico, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para propiciar a comunicação com as pessoas com surdez.

Segundo Poker (2011) a comunicação total como sendo, uma filosofia que requer a incorporação de modelos auditivos, manuais e orais para assegurar a comunicação eficaz entre as pessoas com surdez. Tendo como principal preocupação os processos comunicativos entre surdos e surdos, e entre surdos e ouvintes.

Para Quadros (1997) os objetivos da educação bilíngui-bicultural seria:  
# criar um ambiente lingüísticas apropriadas às formas particulares de processamento cognitivo e lingüístico de cada criança surda;

# assegurar o desenvolvimento socioemocional íntegro das crianças surdas a partir identificação com surdos adultos;

# garantir a possibilidades de a criança construir uma teoria de mundo;

# oportunizar o acesso completo a informação curricular e cultural.

Para Quadros, (1997) a aquisição da linguagem de sinais faz com que a criança surda, tenha desenvolvimento tanto lingüístico como de aspectos cognitivos e sócio-afetivo-emocional que servirá como base para a aquisição da língua majoritária, principalmente na modalidade escrita. Se a criança surda tiver o domínio da língua de sinais, ela terá a garantia de poder se comunicar através de pelo menos um tipo de língua. O biculturalismo é o conhecimento adquirido sobre as culturas surdas e ouvintes, o contato do surdo com elas a além da escolha cultural feita por ele através da sua identificação com uma delas. Se levamos em consideração que a língua de sinais é a primeira língua dos surdos, tem que ser trabalhados o ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares, utilizando a língua de sinais e que a língua portuguesa na modalidade escrita tem que seguir os parâmetros de ensino com base nas habilidades interativas e cognitivas a qual a criança surda adquiriu através da língua de sinais. Com base em Pereira e Vieira, (2005) considerando a língua de sinais como a primeira língua dos surdos, podemos dizer que é através dela que eles se identificam, se comunicam e interagem e são instruídos também através dela; tendo a língua portuguesa como sua segunda língua no corrente da modalidade escrita a qual usam para ter acesso a informações, socialização de conhecimentos e a interação cultural tanto com a comunidade surda como com a comunidade majoritária que é a ouvinte.

Segundo Poker (2011) A Comunicação Total chega ao Brasil no fim da década de setenta e, na década seguinte começa o Bilingüismo, que surge com as pesquisas da Professora lingüista Lucinda Ferreira Brito, sobre a Língua Brasileira de Sinais.

### **2.3.1- Como lidar com a deficiência auditiva na escola?**

Toda escola regular com alunos com deficiência auditiva tem o direito de receber um intérprete de Libras e material de apoio para as salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para isso, recomenda-se que a direção da escola entre em contato com a Secretaria de Educação responsável.

No dia a dia, posturas simples do professor em sala facilitam o aprendizado do aluno surdo. Traga-o para as primeiras carteiras e fale com clareza, evitando cobrir a boca ou virar de costas para a turma, para permitir a leitura orofacial no caso dos alunos que sabem fazê-lo. Dê preferência ao uso de recursos visuais nas aulas, como projeções e registros no quadro negro.

Para os alunos com perda auditiva severa ou surdez, a aquisição da Língua Brasileira de Sinais é fundamental para a comunicação com os demais e para o processo de alfabetização inicial.

O aprendizado de libras ocorre no contra turno, nas salas de AEE. É importante que professores da escola solicitem treinamento para aprender libras ou peçam o acompanhamento de um intérprete em sala. Isso garante a inclusão mais efetiva dos alunos.

### **CAPÍTULO 3 - INCLUSÃO ESCOLAR E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LINGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS NA ESCOLA ENEDINA SAMPAIO MELO.**

#### **3.1. PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA ESCOLA ENEDINA SAMPAIO MELO.**

A Escola Estadual de Ensino Médio Enedina Sampaio Melo, localiza-se a Travessa Coronel Vitório, s/nº, bairro do Perpetuo Socorro, cidade de Igarapé-Miri, possui um corpo administrativo composto por um diretor e dois vice-diretores, um corpo técnico com 06 (seis) pedagogos. A sua estrutura física é composta por 15 (quinze) salas de aula, 02 (duas) secretarias (fundamental e médio), 01 Sala de Técnicos em Educação 01 (uma) sala de professores, 01 (uma) copa cozinha, 01 (um) depósito de merenda, 01 depósito de material de limpeza 13 (treze) banheiros, 01 (uma) quadra esportiva descoberta em péssima de condições, 01( um) refeitório , 01( sala) direção, 01 sala de vice-direção, 01 (um) auditório, 27 ( vinte e sete) passarelas 01 (um) prédio do Projeto Alvorada com quatro salas de aula (uma videoteca, uma biblioteca, um laboratório multidisciplinar e um laboratório de informática) e 01( um) bicicletário. ( Projeto Político Pedagógico, 2009)

A Escola Estadual de Ensino Médio Enedina Sampaio Melo foi fundada em 1974 com o objetivo de atender o 1º grau. No ano de 1980 foi implantado em vários municípios paraenses (entre eles Igarapé-Miri) o Sistema de Organização Modular de Ensino de 2º grau (SOME), que funcionou na Escola Enedina, ofertando inicialmente o Curso de Habilitação em Magistério e um pouco mais tarde, o Curso Técnico em Contabilidade. É importante lembrar que embora o SOME funcionasse na mesma, ele tinha um nome fantasia (Demétrio Luiz Mácola), porque na verdade toda e qualquer documentação oficial do Curso de Magistério saía em nome do IEP (Instituto de Educação do Estado do Pará) e do Curso de Contabilidade, em nome do Colégio Justo Chermont, ambos sediados em Belém do Pará. Fato este devido à falta de regularização da escola. ( Projeto Político Pedagógico, 2009)

No ano de 1989 deu-se inicio ao processo de implantação do ensino de 2º grau regular em Igarapé-Miri, que em 1990 começou a funcionar (mesmo sem a devida autorização) na Escola Municipal Eurídice Marques, depois na Escola Estadual Raimundo Emiliano Pantoja ofertando somente o Curso de Magistério. Em 1993 o governo do Estado cedeu espaço na Escola Enedina, que passou a chamar-se Escola de 1º e 2º graus Enedina Sampaio Melo e a partir desse ano a documentação passou a ser expedida em nome da mesma, inclusive dos anos

anteriores 90, 91 e 92. Nesse mesmo ano foi implantado o Curso de Ciências Humanas (CH). ( Projeto Político Pedagógico, 2009)

Em 27 de dezembro de 1995, através da Resolução nº. 495, o Presidente do Conselho Estadual de Educação, Antonio Gomes Moreira, autorizou o funcionamento do ensino de 1º e 2º graus na Escola Enedina Sampaio Melo, sendo que em 1996 foi implantado o Curso de Ciências Biológicas (CB). Já no ano de 1998 foi implantado o Curso de Ensino Médio Unificado, sendo assim assinado o convênio vestibular e extinto o Curso de CB. A escola adquiriu o nome de Escola de Ensino Fundamental e Médio Enedina Sampaio Melo e em 1999 foram extintos os Cursos de CH e Magistério. ( Projeto Político Pedagógico, 2009)

Nos anos de 2000 e 2001 somente foi ofertado o Ensino Médio Unificado, neste último ano com a municipalização da educação, a Escola Enedina ganhou o nome de Escola Estadual de Ensino Médio Enedina Sampaio Melo, cedendo espaço para o ensino fundamental (Escola Municipal de Ensino Fundamental Enedina Sampaio Melo). No ano 2002 a Portaria nº. 183/2002 autorizou a gradativa implantação do Ensino Médio Normal (04 anos) finalizando-o em 2005. ( Projeto Político Pedagógico, 2009)

A Escola Enedina Sampaio Melo, desde 22/11/1996 com a criação do primeiro Conselho Escolar, iniciou um processo democrático, sendo que cada conselho possuía o mandato de 02 anos. Desta forma, a primeira eleição para a escolha da direção da escola ocorreu no dia 20/06/98 e a sua segunda eleição foi realizada no dia 28/11/2001, tendo cada mandato a duração de 03 anos. No ano de 2007 o Conselho Escolar deu inicio aos procedimentos que antecedem a escolha de novos membros da direção, a qual deveria ter acontecido no final do mês de maio, mas em função de alguns membros terem se afastado do conselho o mesmo ficou enfraquecido, fato que levou a sua dissolução, impossibilitando a eleição de acordo com os procedimentos legais (Projeto Político Pedagógico, 2009)

O cargo de diretor ficou em aberto, após solicitação de dispensa da diretora atual, a Secretaria Executiva de Educação indicou uma profissional para assumir tal cargo, ficando a mesma com a responsabilidade, diante da comunidade escolar, de tomar as providências necessárias no sentido de realizar novas eleições

para a formação do Conselho Escolar, restabelecendo assim o processo democrático na escola.

Em dezembro de 2008 foi escolhido por aclamação o novo Conselho Escolar e implantado na Escola Enedina Sampaio Melo a concepção de Ensino Médio Integrado e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

### **3.2- ATENDIMENTO ESPECIALIZADO NA EDUCAÇÃO DO ALUNO SURDO**

Toda escola regular com alunos surdos tem o direito de receber um intérprete de Libras e material de apoio para as salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), pois serão esses recursos que iram apoiar esse aluno no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, recomenda-se que a direção da escola a qual é possui a responsabilidade administrativa, busque junto a Secretaria de Educação a qual é responsável por fornecer essas demandas para que se tenha um funcionamento adequado do atendimento.

O AEE é um serviço da Educação Especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Ele deve ser articulado com a proposta da escola regular, embora suas atividades se diferenciem das realizadas em salas de aula de ensino comum. (MEC, 2009)

Este Atendimento possui caráter complementar é não substitui a sala regular, sendo assim o aluno deve freqüentar este espaço no contra turno, e será atendido pelos profissionais que irão identificar e elaborar métodos e técnicas que irão eliminar ou minimizar as barreiras que impedem a plena participação do aluno com necessidades Educacionais especiais em suas atividades escolares diárias.

A resolução do Artigo Nº 4, de 2 de outubro de 2009, em seu artigo 2º destaca que:

“O AEE tem função complementar ou suplementar à formação do aluno por meio da disponibilização de serviço, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem”.

Parágrafo único. Para fins dessas diretrizes, consideram-se recursos de acessibilidade na educação aqueles que asseguram condições de acesso

ao currículo dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo a utilização dos materiais didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos, os sistemas de comunicação e informação, dos transportes e dos demais serviços.

Em virtude disso, os sistemas de ensino devem disponibilizar os recursos da educação especial para que os alunos tenham os recursos e as condições de acessos necessários ao currículo, promovendo adaptações nos materiais didáticos, aos espaços e equipamentos, aos sistemas de comunicação e informação e ao conjunto das atividades escolares. De acordo com Diretrizes Operacionais da Educação Especial a qual busca facilitar o ensino e aprendizagem dos alunos através de metodologias e recursos que possam atender as particularidades de cada um; a sala de recursos multifuncional deve contar com recursos facilitadores da aprendizagem tais como: espaço físico, mobiliários, materiais didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade e equipamentos específicos; a matrícula do aluno no AEE acontece de forma condicionada à matrícula no ensino regular da própria escola ou de outra escola; Plano do AEE: identificação das necessidades educacionais específicas dos alunos, definição dos recursos necessários e das atividades a serem desenvolvidas; cronograma de atendimento dos alunos; Professor para o exercício da docência do AEE; Profissionais da educação: tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais, guia-intérprete e outros que atuam no apoio às atividades de alimentação, higiene e locomoção. Articulação entre professores do AEE e os do ensino comum. “Redes de apoio: no âmbito da atuação intersetorial, da formação docente, do acesso a recursos, serviços e equipamentos, entre outros que contribuam para a realização do AEE.” (BRASIL, 2008)

O trabalho pedagógico com os alunos com surdez nas escolas comuns, deve ser desenvolvido em um ambiente bilíngüe, ou seja, em um espaço em que se utilize a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa. Um período adicional de horas diárias de estudo é indicado para a execução do Atendimento Educacional Especializado (DAMAZIO, 2007).

O atendimento educacional especializado (AEE) surge na escola de ensino fundamental e médio Enedina Sampaio de Melo em 2009. De acordo com o Projeto Político pedagógico da escola existiam neste ano pouquíssimos alunos que recebiam atendimento;

A escola apresenta um número baixíssimo de pessoas com deficiências físicas, um aluno com deficiência auditiva e alguns alunos com baixa visão (PPP,2009).

Posteriormente, com a inserção de alunos com deficiência na escola este número cresceu significativamente, dando um salto de quase 300% no número de alunos conforme podemos observar na tabela abaixo:

#### **Alunos do Atendimento Educacional Especializado**

Nº	ALUNO (A)	SÉRIE	NECESSIDADE
01	BEATRIZ DOS SANTOS PONTES	1ª ETAPA TARDE	FÍSICA
02	EDSON PANTOJA DOS SANTOS	1ª ETAPA TARDE	INTELECTUAL
03	EDUARDO SARDINHA MIRANDA	1ª ETAPA TARDE	FÍSICA
04	ELIANE DA CONCEIÇÃO ARAÚJO	1ª ANO MANHÃ	MULTIPLA
05	ELIELSON SOUZA HENRIQUE	1ª ANO MANHÃ	MULTIPLA
06	IGOR MORAES DOS SANTOS	1ª ANO MANHÃ	FÍSICA
07	LANA CARDOSO OLIVEIRA	1ª ANO MANHÃ	BAIXA VISÃO
08	MARIVALDO BITTENCOURT FORTES	1ª ETAPA NOITE	FÍSICA
09	JAILSON QUARESMA PANTOJA	2ª ETAPA NOITE	INTELECTUAL
10	MARINETE DE SOUZA PINHEIRO	2ª ETAPA TARDE	INTELECTUAL
11	JAQUELINE DA SILVA COSTA	2ª ANO MANHÃ	MULTIPLA
12	JORDEL MACIEL DE MORAES	2ª ANO MANHA	INTELECTUAL
13	GUSTAVO WILLER RODRIGUES LOBATO	3ª ANO MANHÃ	INTELECTUAL
14	MANOEL DE MORAES RODRIGUES NETO	3ª ANO MANHÃ	SURDO
15	FRANCINALDO DA SILVA CORREA	2ª ANO TARDE	MULTIPLA
16	MARCOS MILLER PINHEIRO CASTRO	3ª ANO TARDE	INTELECTUAL
17	ELIANE CASTILHO CASTRO	3ª ANO MANHÃ	INTELECTUAL
18	MARLON PANTOJA DA SILVA	2ª ETAPA TARDE	INTELECTUAL

19	SUZANA SUELLEM CARDOSO DA SILVA	1ª ETAPA NOITE	SURDA
20	CLAYCI WANNE MONTEIRO FONSECA	1ª ETAPA NOITE	SURDA
21	DHONATA KERVEN DOS SANTOS	2ª ETAPA NOITE	INTELECTUAL
22	EDMILSON RIBEIRO DOS SANTOS	1ª ETAPA NOITE	SURDO
23	FERNANDA CASTRO LOBATO	1ª ANO B	INTELECTUAL

Atualmente o atendimento educacional especializado é realizado por três professores especialista na área Raimundo Nonato, Silvia Helena e Tatiane Teixeira, e um professor interprete que atuam com 23 alunos com diferentes tipos de deficiências. Destes, quatro alunos apresentam deficiência auditiva, Manoel de Moraes Rodrigues Neto, Clayci Wanne Monteiro Fonseca, Suzana Suellem Cardoso da Silva e Edmilson Ribeiro dos Santos. Quatro alunos com a mesma deficiência, porém com diferentes níveis de aprendizagem tanto na língua de sinais, como na língua portuguesa.

Acerca destes alunos a professora do Atendimento Educacional Especializado Tatiane do Socorro Corrêa Teixeira afirma:

Nós temos aqui na Enedina um número significativo de alunos, são várias deficiências, os alunos surdos são apenas um grupo dentro da variedade de alunos que temos que trabalhar, eles são bons alunos, eles buscam sempre se socializar, mas tem muitas dificuldades, primeiro é de comunicar com os colegas, eles toda hora vem perguntar o significado de alguns sinais, depois tem os professores da sala regular que não conseguem entender eles, é complicado. (Tatiane Teixeira- AEE,2018)

A fala da professora nos coloca diante das dificuldades destes alunos no âmbito escolar e social, as várias dificuldades tanto no que se refere a sociabilidade, uma vez que o desconhecimento dos alunos ouvintes da Língua brasileira de Sinais e também a falta de domínio da libras por parte de algum aluno surdo, coloca-os

numa posição de isolamento comunicacional, assim como, as dificuldades decorrentes do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o professor da sala regular também não possuem o domínio da língua brasileira de sinais e nem o conhecimento dela, o governo do estado do Pará que não oferece um curso de capacitação para esses profissionais, e eles que não buscam meios de adequação a realidade dos alunos surdos.

Acerca deste aspecto a professora Silvia Helena também assinala:

Durante esses 05 anos no AEE, eu observo duas vertentes entre essa relação, 1ª há professores sensíveis as limitações dos alunos, e procuram ajudar os alunos com os trabalhos e atividades, conversam ou dialogam com o professor do AEE e juntos procuram a melhor metodologia de aprendizagem. Porém, há aqueles professores que são insensíveis, resistem a propor novos métodos ou adaptação, só esperam do professor interprete do AEE. Assim, o aprendizado fica comprometido para esse aluno. (Silvia Helena, professora AEE)

Nesse sentido, o professor intérprete Orlando Santos também aponta para este aspecto;

Os professores não compreendem os alunos, os alunos não conseguem nem fazer leitura labial porque o professor fica andando de um lado para o outro, isso atrapalha o aluno! (Orlando Santos, 39 anos)

O apontamento apresentado pelo intérprete mostra o desconhecimento do professor em relação à deficiência do aluno, assim como a dificuldade dos alunos surdos em conseguir compreender o professor da sala regular. Essas dificuldades permeiam todas as áreas do conhecimento, especialmente a língua portuguesa.

Neste aspecto, ao ser questionado sobre a disciplina língua portuguesa Manoel Neto respondeu: “Gosto não, difícil”. Para o aluno a disciplina é complexa demais, principalmente no que se refere a produção de texto, como aponta a professora;

O Manoel quando chegou na escola era semianalfabeto, conhecia pouco da língua portuguesa e menos ainda da LIBRAS, foi muito difícil o processo de aprendizagem tivemos que literalmente alfabetizá-lo, ainda hoje a escrita dele tem muitas lacunas. (Tatiane Teixeira-AEE, 32 anos)

A professora Silvia Helena a mais antiga professora do AEE da escola Enedina Sampaio melo, nos revelou uma situação que chamou atenção em relação a dificuldade do ensino e aprendizagem da língua portuguesa pelos alunos surdos.

O problema de analfabetismo de aluno surdo não é de agora, o Manoel não é o primeiro aluno, quando comecei a trabalhar aqui no AEE logo que foi iniciado o atendimento na escola, passei por uma experiência com alunos surdo o qual eu teve que alfabetizar eles na LIBRAS e também na língua portuguesa, eles chegaram no ensino médio sabendo se comunicar usando só mímica e um sem saber nem escrever seu nome pelo menos; foi um grande desafio na minha carreira profissional, até porque eles chegaram aqui sem ter nem uma noção de LIBRAS, porque se ele soubesse a LIBRAS seria mais fácil trabalhar o português com eles, eles foram empurrados ate chegar no ensino médio, quando consegui desenvolver com esses alunos a LIBRAS eu pude trabalhar a língua portuguesa de forma escrita, mas terminou o ciclo dele comigo no ensino médio, e isso me frustrou.....olha os trabalhos que conseguimos desenvolver com eles( foto abaixo) eles já sabiam escrever e interpretar textos, eles estavam indo bem, apesar da escrita deles apresentarem falhas, como você pode ver, eles não usam conectivos na escrita deles ( Silvia Helena, professora AEE).

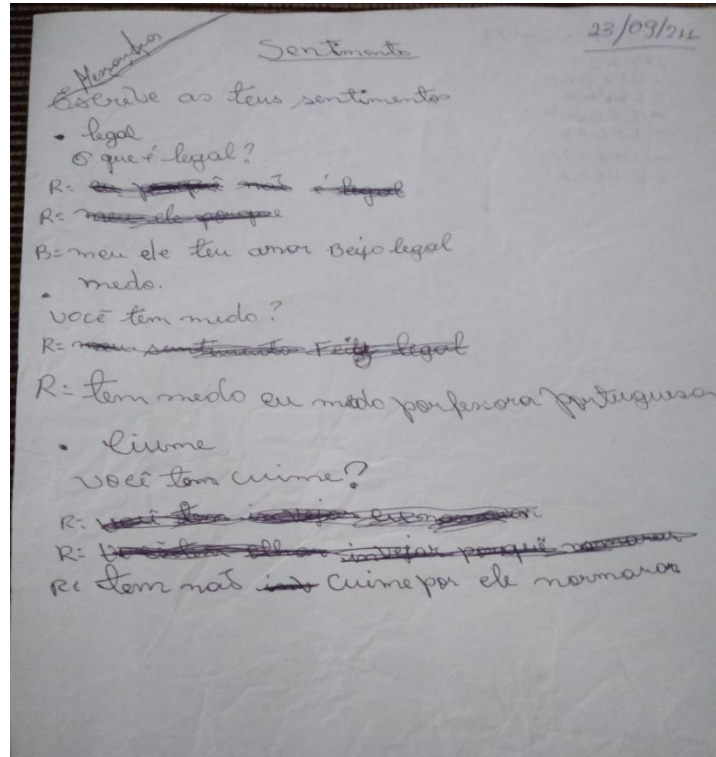


Figura I: atividade de língua portuguesa desenvolvido com alunos surdos

Fonte: pesquisa de campo-2018

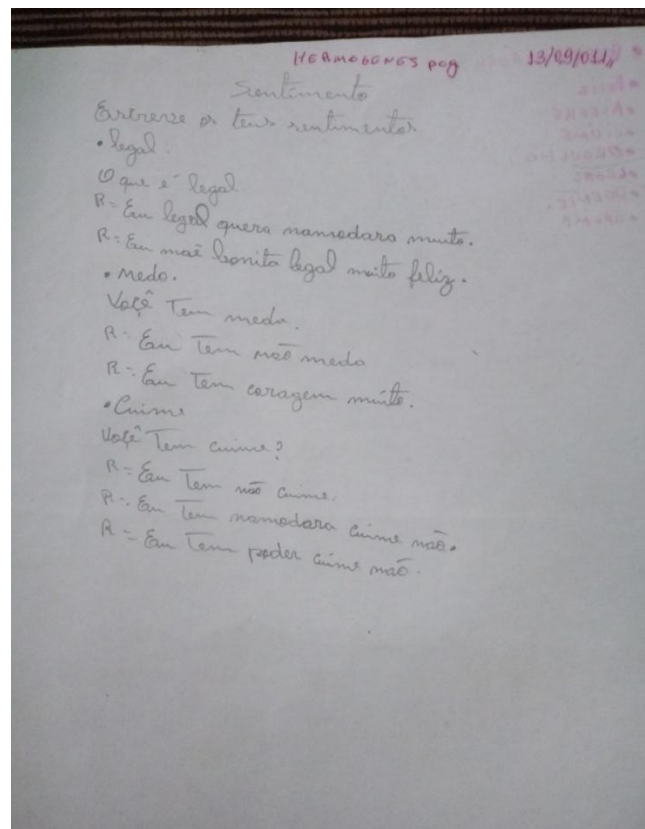


Figura II; Atividade desenvolvida com aluno surdo no Aee

Fonte; pesquisa de campo-2018

Como podemos observar tanto na fala da professora Silvia Helena como nas imagens acima, há ausência de conectivos na escrita dos surdos e isso é uma constante na vida educacional desses alunos, podendo sim ser corrigida; desde que eles possam ter contato com a LIBRAS desde seus primeiros anos de vida através de seus pais e com as comunidades surdas para que se tenha domínio dessa língua que é a base educacional para qualquer outro aprendizado, inclusive da língua portuguesa.

Com base em Skilar (2015) todo processo de ensino e aprendizagem inicia-se a partir do conhecimento que o aluno tem, relacionado por ele com que ele quer aprender, ou seja, o aluno junta o conhecimento que tem com o novo que está sendo ensinado, de forma que possa compreender melhor o que está sendo lhe repassado. No que se refere a aprendizagem da segunda língua, o aluno que possui o domínio da LIBRAS tem uma maior facilidade em compreender e aprender a língua portuguesa, pois, o dominar ou o conhecer a LIBRAS é fundamental no aprendizado da língua portuguesa, uma vez, que ele utiliza a base de sua primeira língua para associar seus conhecimentos e através dela aprender a segunda língua.

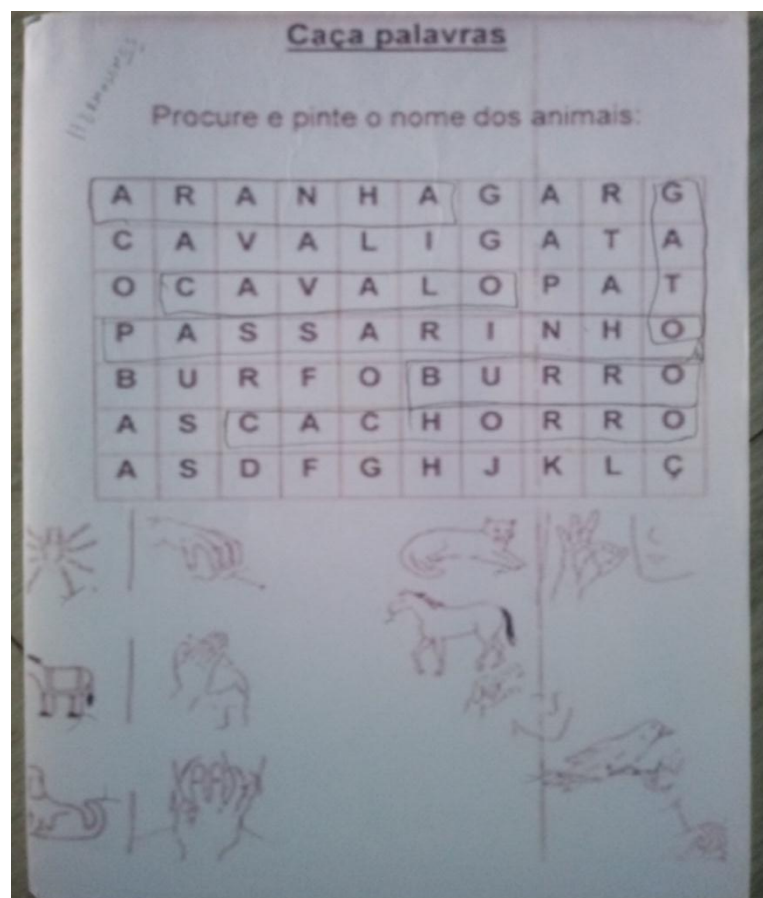


Figura III: material utilizado como recurso para ensino de língua portuguesa, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos surdos no ensino e aprendizagem.

Fonte: Pesquisa de campo/2018

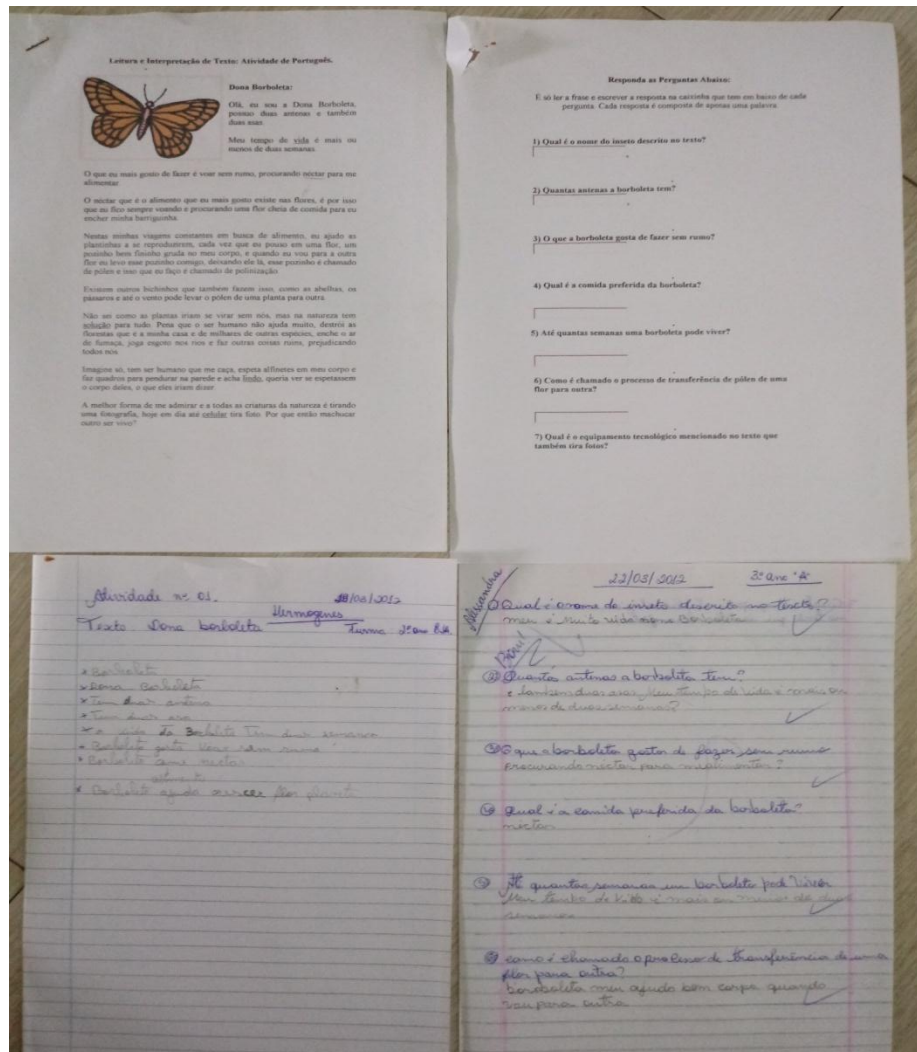


Figura IV: material utilizado como recurso para ensino de língua portuguesa e trabalho escrito por alunos surdos, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos surdos no ensino e aprendizagem.

Fonte: Pesquisa de campo/2018



conhecimento da família e falta de políticas educacionais nas séries iniciais que venham trazer aos alunos surdos os primeiros contatos com a LIBRAS nas primeiras séries;

O Manoel começou a estudar LIBRAS com quinze anos, foi muito tarde isso prejudicou muito ele na escola pra interar nem o pai, nem a mãe, nenhum irmão conhece libras, por isso aqui ele tem muita dificuldade (Orlando Santos, professor intérprete)

Os apontamentos reiterados pelo professor colocam em evidência a importância da família no processo de aprendizagem, sem conhecerem a LIBRAS os pais não colaboraram diretamente no processo de aquisição da primeira língua e nem no educacional do aluno, deixando somente para a escola esse papel tão importante. A professora Tatiane Teixeira também assinala sobre esse aspecto;

Até hoje quando a gente precisa falar com os pais do Manoel para inscreve-lo num processo seletivo ou para chamar os pais para uma reunião temos que fazer um bilhetinho ou tenho que ir pessoalmente e explicar, porque eles não entendem o Manoel. (Tatiane Teixeira-AEE, 32 anos)

Dessa forma, a dificuldade apresentada na escola é o reflexo também das dificuldades apresentadas na família, uma vez que a comunicação do aluno era feita através de mímicas que foram abandonadas por ele, fazendo pouco uso delas, depois que ele passou a ter o contato com a LIBRAS e se socializar com o intérprete e com sua cultura lingüística representada pelos surdos que usam a LIBRAS e os seus professores do AEE que também conhecem sua primeira língua;



**Figura VI: Aluno surdo Manoel no Atendimento Educacional Especializado**

**Fonte: Pesquisa de campo/2018**



**Figura VII: Aluno surdo Manoel apresentando jogo de matemática.**

**Fonte: Pesquisa de campo/2018**



**Figura VIII: Aluno surdo Manoel e o interprete de LIBRAS Orlando na apresentação jogo de matemática.**

**Fonte: Pesquisa de campo/2018**



**Figura IX: Aluno surdo Manoel e o interprete de LIBRAS Orlando na apresentação jogo de matemática.**

**Fonte: Pesquisa de campo/2018**

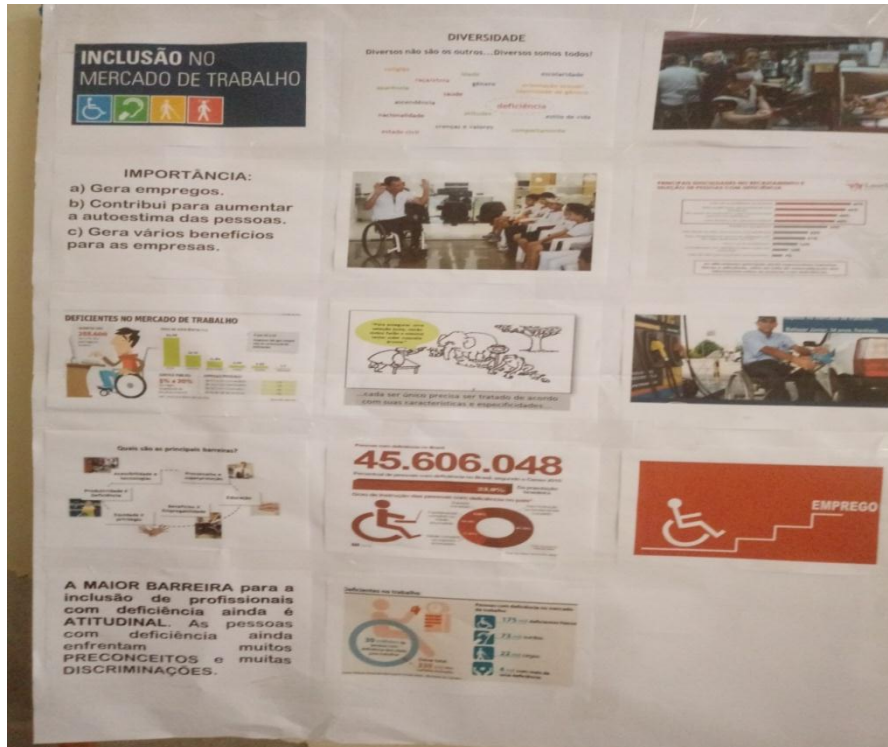


Figura X: Painel de apresentação de trabalho, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos com deficiência na apresentação de seminários.

Fonte: Pesquisa de campo/2018



Figura XI: Painéis de recurso para ensino de biologia, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos com deficiência no ensino e aprendizagem.

Fonte: Pesquisa de campo/2018



Figura XII: Painéis de recurso para ensino de química, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos com deficiência no ensino e aprendizagem.

Fonte: Pesquisa de campo/2018



Figura XIII: Painéis de recurso para ensino de matemática, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos com deficiência no ensino e aprendizagem.

Fonte: Pesquisa de campo/2018



**Figura XIV: Painéis de recurso para apresentação de trabalho de sociologia, recurso visual criado pelos professores do AEE para auxiliar alunos com deficiência no ensino e aprendizagem através da apresentação de seminários.**

**Fonte: Pesquisa de campo/2018**

A escola Enedina Sampaio Melo, passou por adaptações em seus espaços físicos para receber os alunos deficientes, de forma que pudesse ser reconhecida como uma escola inclusiva, porém essas adaptações aconteceram e vem acontecendo de forma gradativas conforme as necessidades dos alunos que chegam à escola. Entretanto, tanto o corpo docente quanto os alunos ditos “normais” não foram preparados para esse momento da educação escolar inclusiva, principalmente no que se refere à inclusão do aluno surdo, pois podemos verificar uma total inadequação do espaço escolar no que tange à estrutura física e visual, haja vista que o único espaço da escola o qual o aluno surdo e os demais se identificam é a sala do AEE, sendo esse espaço visitado por todos os alunos, por ser um espaço o qual eles podem conversar e interagir dentro de sua cultura lingüística usando a língua que possuem certo domínio e também possibilitam conhecer uma segunda língua.



Figura XV: Biblioteca da escola Enedina Sampaio Melo  
Fonte: Pesquisa de campo/2018



Figura XVI: Aluna do ensino fundamental em visita o na sala do AEE  
Fonte: pesquisa de campo, 2018

Tendo como base a figura acima podemos descrever a necessidade de tornar a LIBRAS uma língua universalizada, tanto quanto a língua portuguesa é nas series iniciais para surdos e ouvintes, podendo assim, diminuir essa dificuldade que se tem pelo aluno surdo ao chegarem no ensino médio sem ter o mínimo de conhecimento tanto de sua primeira língua(LIBRAS) quanto da segunda (língua portuguesa).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de educação escolar inclusiva é desafiadora, pois leva em consideração o fato de que os alunos com surdez têm direitos ao acesso e ao conhecimento, assim como a um atendimento educacional especializado que leve em consideração suas necessidades e particularidades individuais.

No entanto, o que observamos ao longo da pesquisa foram às ausências: ausência de professores bilíngües, a ausência de sinalizações em libras, ausência de interpretes para todos alunos surdos, apesar das tentativas de inserção dos alunos surdos no contexto escolar.

Essas lacunas se tornam mais expressivas na língua portuguesa, pois essa é difícil de ser assinalada pelo aluno com surdez. No entanto além da falta de domínio da LIBRAS na escola, o grande desafio está nas práticas pedagógicas que constituem-se num dos maiores problemas da escolarização das pessoas com surdez, não adianta apenas o Atendimento Educacional Especializado (AEE) buscar metodologias diversificadas, o professor da sala regular de ensino deve ter ciência que o aluno surdo também é de sua responsabilidade e adequar o conteúdo a realidade do aluno é também sua responsabilidade.

Portanto, compreender o processo do ensino e aprendizagem da língua portuguesa de alunos surdos seja na escola Enedina Sampaio Melo ou em qualquer outro espaço escolar requer uma atitude constante de reflexão-ação, refletir no intuito de compreender melhor sua realidade e agir na busca de novas práticas educacionais na escola.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BENTES. José de Anchieta de Oliveira. Normalidade e disnormalidade: Formas do trabalho docente na educação de surdos. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

BEYER. Hugo Otto. Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: meditações, 2010.

BUENO, José Geraldo Silveira. Educação especial brasileira: Integração/segregação do aluno diferente. São Paulo: Educ, 1993.

CICCONE, M. *Comunicação Total*. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1990.

GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? : Crenças e preconceito em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, M. *A criança surda*. São Paulo: Pexus, 1997.

MANZINI. Eduardo José. Educação especial: temas atuais. Marília: Unesp-Marília-publicações, 2000.

MORAES. Liliane Vieira. A inserção das pessoas com deficiência visual no mercado de trabalho: Um estudo em empresas da região metropolitana de Belém no período de 2000 a 2006. (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Pará, 2008.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. Cultura, poder e educação de surdos.-2. Ed.- São Paulo: Paulinas, 2010. ( Coleção pedagogia e educação).

Skiliar, Atualidade da educação bilíngüe para surdos, interfaces entre pedagogia e lingüística. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

Abordagens de ensino na educação da pessoa com surdez

RB, Poker - LIBRAS à Distância. UNESP. Acesso em, 2011

Ricardo Ampudia, <https://novaescola.org.br/conteudo/273/o-que-e-deficiencia-auditiva>, 2011

## Anexo

**Entrevistado: Manoel**

**Aluno surdo**

**Idade: 25 anos**

- 1) A partir de que momento você começou a estudar Libras?
- 2) Na sua casa sua mãe, seu pai, conhece Libras?
- 3) Qual sua principal dificuldade na escola?
- 4) Você gosta da Língua Portuguesa?
- 5) Qual sua principal dificuldade na língua portuguesa?

**Entrevista: Orlando Santos**

**Profissão: Professor intérprete**

**Idade: 39 anos**

1- Qual a importância do intérprete na sala regular de ensino?

2- Você observa diferenças no processo de aprendizagem entre um aluno que domina libras e um que não domina?

3- Quais as dificuldades que os alunos surdos têm com a língua portuguesa?

4- Eles conseguem elaborar uma redação?

5- Os professores de língua portuguesa utilizam metodologias diferenciadas para trabalhar com alunos surdos.

Entrevistada: Sílvia Helena

Profissão: Professora do AEE

Idade: 50 anos

- 1) Quantos anos você atua com os alunos surdos?
- 2) Quais as dificuldades de trabalhar com alunos surdos?
- 3) Como os alunos surdos vêem a língua portuguesa?
- 4) Como é a relação com o professor da sala regular que atua com a língua portuguesa?
- 5) Quais as metodologias utilizadas para trabalhar com alunos surdos no AEE.

Entrevistada: Tatiane do Socorro Correa Teixeira

Profissão: Professora do AEE

Idade: 32 anos

- 1) Quantos anos você atua com os alunos surdos?
- 2) Quais as dificuldades de trabalhar com alunos surdos?
- 3) Como os alunos surdos vêm a língua portuguesa?
- 4) Como é a relação com o professor da sala regular que atua com a língua portuguesa?
- 5) Quais as metodologia utilizadas para trabalhar com alunos surdos no AEE.

